

A Sobreposição e Outras Técnicas de Repetição em Paumarí

MARY ANN ODMARK

Na língua paumari,¹ emprega-se a sobreposição de repetição tanto nas seqüências lógicas como nas temporais. Nisto se difere da sobreposição meramente temporal, constatada em algumas línguas por Grimes em 1972, 1975, p. 292-7 e Leenhouts, 1978.

A língua em estudo possui outros três padrões gramaticais, além da sobreposição, os quais abrangem a repetição de uma ou mais orações: os ciclos, a triplicação para se estabelecer a condição-chave de um fato importante e a ligação de fatos estreitamente ligados entre si.

1. A SOBREPOSIÇÃO.

Em termos discursivos, conceitua-se a sobreposição como uma repetição na qual a mesma série de fatos é narrada duas ou mais vezes consecutivas. A cada reconto dá-se o nome de plano.

São apresentados, numa sobreposição, três tipos de informação: a informação nova, a informação dada e a informação realçada. No primeiro relato dos fatos da sobreposição, toda informação é nova. Ao se relatar novamente os fatos, alguns elementos daquela série de fatos são repetidos e, assim, aquela parte da informação, já relatada anteriormente, transforma-se em informação dada (informação já conhecida). Além disso, são introduzidas seções de informação nova. As seções de informação dada, que se repetem nos recontos sucessivos, constituem a informação realçada. Esta informação é a mais importante, pois é ela que unifica toda a sobreposição. Um dos resultados da sobreposição é o retardamento para a introdução de informação nova (Grimes, 1975).

Em Paumari, o padrão de sobreposição ocorre em discursos de orientação não-temporal, bem como nas narrativas de orientação temporal. Nas sobreposições de orientação temporal, como é o caso daquelas encontradas na língua borôro (Brasil) e no pidgin da Papua Nova Guiné (Grimes: 1972), a referência temporal de cada plano retrocede até o início da narrativa, e torna a relatar o mesmo conteúdo, na mesma ordem, acrescentando ou retirando um ou outro detalhe. A união conjunta de todos os planos de sobreposição resulta numa única seqüência de fatos. No discurso de orientação não-temporal, no entanto, os fatos se desenrolam ao longo de um fio lógico que corresponde, parcialmente, a um fio cronológico.

O discurso de orientação não-temporal é ilustrado por um texto explicativo sobre a aparição de ossos (caveira). Esta aparição faz parte do sistema de crenças paumari. O texto se divide em três partes principais. Na primeira parte, são identificados a assombração e o problema que ela causa. Em seguida, na segunda parte, é apresentada a solução do problema, quando o pajé aconselha que as pessoas observem certos hábitos alimentares. A terceira parte traz a

aplicação da estória para os nossos dias. A sobreposição abrange a identificação da assombração e o problema decorrente de sua aparição, registrados na primeira seção.

A sobreposição consiste em quatro planos. A união de todos os pontos, nestes quatro planos, é a seguinte:

- A A assombração quer os (índios) Paumari.
- B A assombração lança mão das pessoas.
- C As pessoas não podem mover-se por causa da assombração;
- D (porque) a assombração faz com que os ossos das pessoas fiquem rijos.
- E A assombração leva os Paumari para dentro da terra.
- F A assombração come os Paumari.
- G A assombração não tem globo ocular. Ela olha os Paumari movendo a cabeça de um lado para outro. Só se vê a cavidade óssea.
- H A assombração não tem pele.
- H' A assombração é só ossos.
- I Só são vistas as costelas. A assombração não tem intestinos na cavidade abdominal.

Aparece, a seguir, a ordem dos acontecimentos conforme os planos que ocorrem na sobreposição:

Plano 1 BCH'I

- B A assombração lança mão das pessoas. Ija'ari-ra gathihi ida bajadi² (Gente ela-lança-mão-de assombração).
- C As pessoas não podem mover-se por causa da assombração. Niadahai ogani hiki hida bajadia oniki (Não-andando saber conjugação-por a assombração chama-se).
- H' A assombração é só ossos. Bajarona ka'oa 'ida bajadi (Ossos só, a assombração).
- I Só são vistas as costelas porque ela não tem intestinos na cavidade abdominal. Ka'ahai kaavani ka'oa kanokiaki. Ni-kahojaki hida kaijoi jahani bodinia (Costela pernas apenas é-vista. Não-ter os intestinos cavidade-abdominal dentro).

Plano 2 ABCD

- A A assombração quer os (índios) Paumari. Pamoari-ra nofihi (Paumari ela-quer).
- B A assombração lança mão das pessoas. Pamoari-ra gathihi (Paumari ela-lança-mão-de) .

- C As pessoas tornam-se incapazes de mover-se por causa da assombração; Ni-giragirai ogani hiki (Não-movendo saber conjunção-por);
- D (porque) a assombração faz com que os ossos delas fiquem rijos, jaroi-ra nakhanahamanihi ida bajadia oniki (ossos ela-faz-serem-pesados a assombração chama-se).

Plano 3 BEF

- B A assombração se curva e agarra os Paumari. Pamoari-ra avaasiahi (Paumari ela-se-curva-e-agarra).
- E A assombração leva os Paumari para dentro da terra. Pamoari-ra avigarihi nami imani bodinia (Paumari ela-faz-descer-com terra carne dentro).
- F A assombração come os Paumari. Pamoari-ra ha' ihi (Paumari ela-come).

Plano 4 CEGHH'

- C A assombração torna os Paumari incapazes de mover-se. Ni-pamoari-ra nagirani'iki (Não-paumari ela-faz-mover).
- E A assombração leva os Paumari para dentro da terra. Nami vania pamoari-ra avigarija hida bajadia oniki (Terra partícula-enfática paumari ela-faz-descer-com a assombração é-chamada).
- G A assombração não tem globo ocular, mas olha para os Paumari, movendo a cabeça de um lado para outro. Só é vista a cavidade óssea. Ni-hojaki hida nokhoi 'ba'dani, pamoari-ra vaavadavadaki nokhoi 'ba'dani. Jaroi ka'oa kharanini nokiaki (Não-ter o globo ocular, Paumari ela-faz-arregalar o globo ocular. Osso só cavidade é-vista).
- H A assombração não tem pele. Ni-asafi hojaki (Não-pele ter).
- H' A assombração é só osso. Jaroi ka'oa hojaki (Osso, só é).

Os pontos B e C ocorrem em três planos, formando assim a informação realçada: A assombração lança mão das pessoas, e estas se tornam incapazes de andar por causa da assombração. A relação lógica entre estas duas proposições é de causa-efeito, sendo que C é o resultado de B. O narrador fundamenta sua argumentação nesta informação realçada, considerando-a como a estrutura principal da própria argumentação.

No plano 2, continua o desenvolvimento da argumentação baseado nas proposições B e C. Estas foram separadas de H'I (meramente descritivos), integrantes do plano 1; e são ligadas a duas novas proposições, novamente com a relação de causa-efeito. B torna-se no resultado de A:

"(Quando) ela quer um Paumari, ela lança mão dele", e D torna-se na razão de C: "As pessoas não podem mover-se (porque) a assombração faz com que seus ossos fiquem rijos".

O plano 3 acrescenta mais dois itens à argumentação: E e F. A informação nova, ou seja, que a assombração leva as pessoas para baixo da terra (E), apresenta o estabelecimento para a conclusão da seqüência: que a assombração come as pessoas (F). Este plano contém as seqüências temporal e lógica.

O plano 4 está ligado ao plano 3 pela repetição de E e, por isso, E torna-se em informação realçada, junto com B e C: a assombração leva as pessoas para dentro da terra.

Não aparece nenhuma informação descritiva e de identificação (GHH'I), nem no plano 2 nem no 3. No plano 1, ocorre H'I e no último plano (plano 4) ocorre GHH'. Resulta-se o realce em H'.

Dentre vinte e sete textos analisados, constatou-se um caso nítido de sobreposição lógica (já referido anteriormente) e um de sobreposição temporal (mencionado a seguir).

Outros dois textos do grupo podem ser sobreposição temporal, e um outro, um caso de sobreposição lógica, mas estes mesmos textos ainda precisam de verificação de campo.

A sobreposição temporal ocorre num texto que descreve várias cerimônias preliminares e o festival principal no rito de puberdade da filha da narradora. A sobreposição consiste no relato feito por uma pessoa que não foi a testemunha ocular de um incidente ocorrido durante a última das cerimônias preliminares.

Há dois planos. A fronteira entre eles é estabelecida pela interrupção da seqüência temporal, por meio de uma outra descrição do mesmo acontecimento, com o acréscimo de detalhes.

Em cada plano, há um contraste entre a doença da mulher — referente ao tratamento feito pelo pajé, num certo lugar — e a restauração da saúde desta — referente aos remédios recebidos em outro lugar. A maioria dos Paumari acredita, hoje em dia, que o tratamento de doenças feito pelo pajé, não é completo sem que o paciente receba também remédios.

São enfatizados tanto o tratamento que o pajé dispensa à mulher como também os remédios que Gisela lhe dá. O realce de tempo e lugar é em relação às pessoas que tratam da mulher doente.

Esta sobreposição não é uma série cíclica descrita na seção que segue, pois, a repetição das atividades, desempenhadas nos mesmos lugares, refere-se aos mesmos fatos em ambos os planos. A seqüência de fatos pode ser enumerada cronologicamente da seguinte forma:

- A Ambiente: É meia-noite. As pessoas estão cantando e dançando na casa de festas; a narradora e sua família estão na parte da casa onde se dorme.
- B Sioda desmaia.

- C O tratamento da doença pelos pajés.
 1 Fari.
 2 irmão mais velho vai ajudar.
 3 Omararina, Honório e Ramiro.
 4 Rarina, que é o cunhado da vítima.
- D Sioda melhora um pouco por causa do tratamento feito pelos pajés.
- D' Sioda não está bem.
- E Todos dormem até o dia seguinte.
- F Ambiente temporal: no dia seguinte, Sioda vai à casa de Gisela em busca de remédios, acompanhada de Josi (marido de Sioda), sobrinho da narradora.
- G O remédio cura Sioda.

De acordo com os planos componentes da sobreposição a ordem é a seguinte:

Plano 1 ABC₁₂₃DD'F

- A Á meia-noite estavam cantando ainda, (mas) nós já não estávamos mais lá. (Enquanto) eles ainda brincavam e dançavam, nós estávamos no lugar de dormir. Mithani 'bo'da hini asia mani vaahiaha. Harivani ni-'arihojajanaki. Vakasivanahana, vikhajona asia harivani ibavi 'avavadikia 'arihoja'iki (Noite velha sendo ainda equativa eles-estavam-cantando. Nós-pronome-do-sujeito nós-não-estávamos-mais. Eles-estavam-brincando, eles-estavam-dançando ainda nós-pronome-do-sujeito lugar nós-estávamos-dormindo-com-em nós estávamos).
- B Então Sioda desmaiou. 'Oniaroa rai'a'ihhi ida Sioda (Então ela-desmaiou a Sioda).
- C Eles, inclusive o sobrinho Fari (1), trataram a doença dela. O irmão mais velho (2) também foi lá para ajudar aqueles que a tratavam. Omararina, Honório, Ramiro (3) todos tratavam a doença. Varaboha'ihhi Moxo Fari. Okhamai'aha ada 'aajo jaboni rabohi-ra kakodiahavini. Omararina, Honório, Ramiro vihiki varabohaki 'afohahavi (Eles-chuparam-nela (no corpo dela) sobrinho Fari. Ele-foi-lá o irmão-mais-velho também chupador(es) ele-foi-ajudar. Omararina, Honório, Ramiro eles-sendo eles-chuparam-em todos).
- D Pelo tratamento deles, ela melhorou um pouco. Varabohavini anahajanini hi'iki (Eles-tendo-chupado-em estava-com-que-ela-se-sentisse-um-pouco-melhor conjunção-causado-por).
- D' (Mas) ela não estava bem. Ni-jahaki (Não-ela-estava-bem).

- F Por causa de sua saúde precária, no dia seguinte ela vai à casa de Gisela, perto da água. O sobrinho Josi a leva ao lugar dos remédios. Kidimahi jaharini kaba'i ka'afokajomani okhanai'ihī Gisela kohana kania. Moxo Josia biavikhanai'ihī ihai kani (Dia-dela não-foi-bom porque no-dia-seguinte ela-foi-à-água Gisela falecida lugar. Sobrinho Josi levou-a-à-água remédio lugar).

Plano 2 AC₁₂₃₄EG

- AC Ela foi tratada a sua doença pelos outros (123) junto com seu cunhado, chamado Rarina (4), também no lugar de dançar onde eles estavam. Kidimakhidava Rarina oniki rabohajabanani hiki jaboni ihinika kani vahojana (Cunhado-dela Rarina se-chama ela-estava-sendo-chupada-junto conjunção-por também festival lugar eles-estavam).
- E Então, depois que eles tinham brincado, e depois que eles tinham tratado a doença, eles dormiram. 'Oniaroa vakasivanahana naothinia varabohana naothinia vavadi'aha (Então eles-brincaram depois eles-chuparam-em depois eles-dormiram).
- G Então, no dia seguinte, a mulher sarou. Ela estava bem, outra vez. Estava curada por causa do remédio que Gisela lhe deu. 'Oniaroa mahi hoariha 'aihota'ihī ida gamo. Jaha'ianahi. Ihaia Gisela bino'avini jaha'ihī (Então, dia outro ela-ficou-curada a mulher. Ela-estava-bem-outra-vez. Remédio Gisela deu ela-estava-bem) .

2. AS SÉRIES CÍCLICAS.

Estas séries são superficialmente semelhantes ao padrão de sobreposição. Enquanto o padrão de sobreposição consiste em planos que abrangem a mesma área referencial, uma série cíclica consiste em ciclos que têm referências diversificadas.

O segundo ciclo e os sucessivos repetem os mesmos tipos de ações que o ciclo anterior, mas em vez de cada repetição relatar o mesmo fato, cada fato por si mesmo ocorre num ponto mais avançado ao longo da linha cronológica, e representa, portanto, ações distintas, mas análogas.

Podem ocorrer uma ou mais séries cíclicas dentro do discurso. Estas aparecem em três dos vinte e sete textos analisados. O uso das séries cíclicas, bem como o emprego de sobreposição, retarda o fluxo de informação.

Numa lenda, sobre um homem que busca uma cobra-d'água para se fazer engolir por ela, há duas séries cíclicas. Uma delas ocorre durante o aumento do suspense no enredo, antes do clímax da complicação. A outra ocorre no desfecho.

Na primeira série cíclica existem três ciclos. A seqüência de fatos em cada ciclo se repete de forma paralela, à medida que cada ciclo se desenvolve ao longo da linha cronológica.

O ambiente é estabelecido a partir do primeiro ciclo com o relato de um homem dentro de uma canoa, flutuando no meio do rio e comendo urucuri. Repete-se da seguinte maneira, em cada ciclo, a informação parecida:

Ciclo 1

Ele fez com que os urucuris se espatifassem na água para flutuarem rio abaixo. Bikanakamo'aha ada kahami 'ba'da 'afomaraharibanaha (Ele-fez-com-que-pluf-na-água o urucuri caroço rio-abaixo-na-direção-de).

Ele comeu os urucuris. Bihaha ada kahami (Ele-comeu o urucuri).

Ele jogou fora o caroço de urucuri. Biosonaha ada kahami 'ba'da (Ele-jogou-fora o urucuri caroço).

O urucuri espatifou na água. Kamonihā ada kahami 'ba'da (Ele-foi-pluf-na-água o urucuri caroço).

A cobra-d'água esperou pelo homem no lado de cima do sorvedouro. Mabidiriā bikanokha'aha i'dokoha a'ininini (Cobra-d'água ela-esperou-pelo-homem sorvedouro lado-de-cima).

Era bem longe do sorvedouro, onde ela fazia muitas ondas altas, na água. I'dokoha napajanini koařimananihi na'bahakia bivamonahaki (Sorvedouro era-bem-longe jogado-para-cima-nominalizado muitas-altas ela-estava-fazendo-com).

"Eu ainda farei com que a cobra-d'água possa me comer." Jakana 'isika 'okihi'ava kaho mahija mabidiri hora kaha'ava kaho (Partícula-hortativa? deixa-me ficar ainda para-que cobra-d'água me deixa-ela-comer ainda).

Ciclo 2

Ele, deliberadamente, fez com que um urucuri inteiro se espatifasse na água. Bikanakamoka'oaha ada kahami abonohaki (Ele-fez-com-que-pluf-na-água- apenas o urucuri inteiro).

Ele estava olhando rio abaixo. Vada 'akhanimariha (Ele-estava-olhando-rio-abaixo).

A cobra-d'água estava quieta no seu lugar, meio dentro, meio fora da água. Thini'inisaga'afomaniha ada mabidiri (ela-estava-deitada-meio-dentro-e-meio-fora-da-água-no-seu-lugar-quieta a cobra-d'água).

Pelo fato da cobra-d'água estar num lugar, o homem estava sendo esperado. Okasagana kanaviahanokhana hina (Ela-estava-num-lugar ele-foi-causado-ser-esperado-antecipadamente conjunção-por).

Ele vinha se aproximando. Kamaakařiha (Ele-vinha-mais-perto).

A água turbulenta se agitava ao redor dela. Koanimananihi ida koañimananihi karaho (Estava-agitando-no-ar o jogado-para-cima-nominalizado grande).

Como consequência disso, ele ficou com medo dela, e seu coração batia rápido. 'Oniaroa kanaimahidana hi'ihhi kanabidi hořohořokani'ahi (Então ele-ficou-com-medo conjunção-por sua-garganta ela-batia-rápido).

"Oh, deixarei estar assim ainda, porque minha mulher está sempre zangada comigo", ele disse. Ele disse a si mesmo, falando consigo mesmo. Aa, jakaho 'isika 'okihi'ava kaho ni-gamo hora hora kaathijahaki ni'aha. Abono-ra kani'aha, abono-ra varakani'avini (Oh, partícula-hortativa ? deixe-me-estar ainda não-mulher me falar-bem ele-disse. Si-mesmo-objeto ele-disse, si-mesmo-objeto falou).

Ciclo 3

Então ele comeu um urucuri outra vez. 'Oniaroa bikaha'ianaha ada kahami (Então ele-comeu-outra-vez o urucuri).

Ele jogou fora outra vez o caroço do urucuri. Biakosonasahana'ianaha ada kahami (Ele-jogou-fora-para-cima-lentamente-no-ar-outra-vez o urucuri).

O caroço de urucuri foi lá no alto. Nama'ihaha ada kahami (Ele-foi-para-cima-alto o urucuri).

Desceu girando na água. Viřiřinifarahanaha (Ele-girou-para-baixo-lentamente-dentro-da-água) .

Depois que ele espirrou na água, a cobra-d'água o engoliu todinho. Kamonifarahanana mabidiria biaka'damo'a'aha (Ele-espatifou-para-baixo-dentro-da-água cobra-d'água ela-o-engoliu-inteiro).

Toda a informação do primeiro ciclo é nova, bem como a do primeiro plano de uma sobreposição.

Diferente do que acontece na sobreposição, todos os fatos no segundo ciclo são novos, embora sejam paralelos aos fatos do primeiro ciclo. O homem, a cobra-d'água e uma descrição da água perto da serpente constituem a informação anteriormente conhecida. Os fatos são novos porque o ouvinte não sabe se o homem vai fugir a qualquer momento ou se vai continuar firme no seu propósito. Os urucuris são itens novos extraídos de um grupo mencionado previamente. No primeiro ciclo, ele jogou o caroço de um urucuri, kahami 'ba'da, indicando que já tinha comido a polpa. No segundo ciclo, ele joga o urucuri inteiro, kahami abonohaki, sem descascar nem comer.

No terceiro ciclo, - ' iana "outra vez" ocorre na estrutura sufixal dos verbos "comer" e "jogar fora", referindo-se a um ato anterior — semelhante na definição, mas diferente na referência.

No segundo exemplo de uma série cíclica do mesmo texto, o ambiente apresenta o homem dentro da cobra-d'água. Há dois ciclos. A seqüência dos fatos no ciclo 2 é paralela à do ciclo 1, sendo que os fatos de ambos os ciclos constituem informação nova. O contexto dos dois ciclos é o estado psicológico do homem: nervoso. Embora a palavra "nervoso" inicie o primeiro ciclo, sendo repetida entre os ciclos e ao final da série, realça a ajuda (informação nova) que o homem recebe para resolver o problema, e escapar da barriga da cobra-d'água.

Ciclo 1

O homem dentro da cobra-d'água ficou nervoso por causa do calor. Va'ikagarigarikosoa'aha safini afana (Ele-ficou-nervoso-dentro sol ele-está-quente).

O tucano o avisou. Jakoakoa binava'isohi'aha (Tucano ele-o-avisou).

Ele ouviu o tucano cantar. Ahiana bikamithaha ada jakoakoa (Ele-cantou ele-ouviu o tucano).

É como se ele estivesse sendo avisado pelo tucano. Nava'isohina forihiki hi'aha ada jakoakoa (Ele-sendo-avisado é-como conjunção-por o tucano).

Ele ouve suavemente a voz do tucano. Bikamithavini mañoniki 'ada jakoakoa saaniki (Ele-ouviu é-suave o tucano é-barulho).

Fala masculina.

Ciclo 2

Ele estava ficando cada vez mais nervoso por causa do calor dentro da barriga da cobra-d'água. Va'igari'ani'ani hi'iki mabidiri jaha bodini daradarani (Ele-estava-nervoso conjunção-por cobra-d'água cavidade-abdominal dentro calor).

Ele ouve a zoadá do moscão. Txararararanina vani bikamithaha ada arasoi (Ele-está-fazendo-barulho-de-zumbido enfático ele-ouviu o moscão).

Ele pensa, erradamente, que o barulho das asas do moscão que ele ouve, é o da água corrente. Paha jorani ithoni bivanihavini 'ada arasoi bihi ithoni bikamithaki (Água corrente barulho ele-erradamente-pensa o moscão asas-dele ruído ele-ouviu).

Dentre os vinte e sete textos, há dois que contêm duas narrativas paralelas. As duas narrativas contidas em cada um dos dois textos, assemelham-se às séries cíclicas por apresentarem, em seus respectivos inícios, fatos paralelos. No entanto, diferem das séries cíclicas

pelo fato da primeira narrativa apresentar sua conclusão antes do início dos fatos paralelos da segunda narrativa, ambas no mesmo texto.

O discurso que contém duas narrativas dentro da mesma lenda contrasta os lugares seguro e inseguro para se cozinhar numa pescaria. Numa narrativa pessoal, o narrador estabelece o contraste entre a vez em que eles caçaram uma cutia e a vez em que uma cutia lhes fugiu. Uma estória relata o primeiro acontecimento, e uma estória paralela o segundo.

3. REPETIÇÃO TRIPLA.

Consiste a repetição tripla na narração do mesmo evento três vezes sucessivas, uma oração de cada vez. Este padrão tem três finalidades: introduzir informação nova sobre o ambiente temporal, realçar grupos de elementos narrativos e estabelecer as condições-chave para os fatos de maior importância.

O padrão de repetição tripla constitui a base para a introdução de informação nova no ambiente temporal. Esta informação nova precede uma daquelas orações que constituem a repetição tripla, embora a primeira oração desta mesma repetição possa, em si mesma, ser uma informação nova. A informação do ambiente temporal ocorre como oração dependente do tipo "quando".

A repetição tripla em si realça determinados fatos. Através deste realce, ela estabelece o ambiente da complicação e do desfecho, e apresenta o clímax da complicação. Este realce tem o mesmo efeito do realce de uma sobreposição. Não somente chama a atenção do ouvinte para os pontos repetidos da narrativa, como também liga os grupos de elementos narrativos, formando assim o arcabouço da narrativa. Também, o realce retarda o fluxo de informação.

Vista por outro prisma, a repetição tripla é empregada para determinar a condição-chave referente a um fato de maior importância. Numa determinada cena, as condições são estabelecidas de tal maneira que aquilo que as segue é dependente destas condições.

A repetição tripla ocorre três vezes na lenda do homem que procura a cobra-d'água. Na primeira ocorrência, o homem vai boiando rio abaixo. Este fato o coloca em condição para o desenrolar do enredo. A informação temporal, do nascimento do sol que vem aparecendo por cima das árvores, é introduzida justaposta à segunda oração da repetição tripla.

Ele estava boiando no meio do rio, comendo urucuri, enquanto ia rio abaixo. O sol vinha nascendo por cima das árvores quando **ele estava no meio do rio**. **Estando no meio do rio**, ele jogou o caroço de urucuri na água para boiar rio abaixo.

Karako'af'o'aha vaini bodipania kahami-ra
kahamari'af'o'avini. Safini 'iřinina vani **aakhanai'aha**.
Aakhanaiha bikanakamo'aha ada kahami 'ba'da
'afomaraha

(Ele-estava-boiando rio no-meio-de urucuri ele-estava-comendo-em-canoa-into-rio-abaixo. Sol subindo-sobre-árvores enfático ele-estava-no-meio-do-rio. Ele-estava-no-meio-do-rio ele-fazia-pluf-na-água o urucuri caroço into-rio-abaixo) .

Na segunda ocorrência, a oração temporal dependente "quando tinha caído na água" é introduzida como informação de ambiente, justaposta à primeira oração de outra repetição tripla, na qual se realça o clímax da complicação. O homem depara com a cobra-d'água e se vê em má situação, principalmente, quando é engolido por esta:

Quando ele (o urucuri) espatifou na água, a cobra-d'água o engoliu todinho. Ele foi engolido (pela cobra-d'água). A cobra-d'água o tragou.

Kamonifarahanana **mabidiria biaka'damo'a'aha**. **Kaka'damoana hi'aha**. **Pamo mabidiria bikani'aha**

(Espatifou-na-água cobra-d'água ela-o-engoliu-inteiro. Ele-foi-engolido-todo conjunção-por-ela. Tragado-por cobra-d'água ele-foi).

Na terceira e última ocorrência de repetição tripla, a informação temporal "quando o sol estava alto e fazia calor" é introduzida, justaposta à primeira oração da repetição tripla. A cobra-d'água sobe à terra para que o homem fique em posição de sair da barriga dela.

Agora, assim foi (quando) o sol estava a pique, (e) fazia calor que a cobra-d'água subiu à terra. A cobra-d'água subiu à terra com o homem dentro. Subindo até à terra, a cobra-d'água emergiu da água.

Hari 'oniana safini namahina vani safini afana
ogaimori'aha ada mabidiri. **Mabidiria biavigaimori'aha**.
'Doři'doři'doři'dořinina 'dořima'aha ada mabidiri

(Agora assim sol está-alto enfático sol está-quente subiu a cobra-d'água. Cobra-d'água ela-subiu-com-ele. Arrastava-se ela-emergiu a cobra-d'água).

Se se emprega a idéia de Schank de que uma cadeia causal para a qual são necessárias certas condições antes que outras ações possam ser realizadas, (v. ms. de Schank), pode-se postular uma série de condições causais que ligam as proposições-chave de uma narrativa. Cada proposição da série é caracterizada pela repetição tripla. Visto por outro prisma, um fato

expresso de três maneiras estabelece as condições para a existência do fato seguinte, expresso triplicemente, ou estabelece as condições para o desfecho. Os exemplos que se seguem representam os pontos culminantes da narrativa, segundo as ligações que estes têm com as condições estabelecidas pela repetição tripla.

- Condição 1: Se o homem não estivesse boiando no meio do rio (repetido), ele não teria sido engolido pela cobra-d'água.
- Condição 2: Se a cobra-d'água não o tivesse engolido (repetido), o homem não teria que ter esperado a cobra-d'água subir para a terra.
- Condição 3: Se a cobra-d'água não tivesse subido para a terra (repetido), o homem dentro dela não estaria em condição para que houvesse um desfecho da narrativa.

4. SEQÜÊNCIAS DE FATOS INTIMAMENTE LIGADOS.

Alguns fatos podem seguir uns aos outros de maneira tão estreita que o falante tem a tendência de considerá-los como um único fato. Numa seqüência de fatos, a ligação-estreita tem o mesmo efeito: é alcançada pela ligação interna da seqüência dos fatos, através da repetição literal (palavra por palavra). Numa seqüência de ligação-estreita, a ligação difere de outro tipo de repetição, no aspecto em que a ligação-estreita sempre envolve a ligação de mais de dois fatos numa sucessão ininterrupta. Enquanto isso, os fatos-chave de uma repetição tripla podem ser separados daqueles fatos aos quais eles se ligam, por uma extensão de texto consideravelmente longa. Cada fato se coloca causal e temporalmente antes do próximo. Esta ligação-estreita da seqüência de fatos produz a coerência entre os períodos de um parágrafo.

Numa estória humorística sobre um infortúnio que aconteceu na selva, este fenômeno ocorre no anticlímax da narrativa. Nesse determinado ponto da estória, o fluxo da informação que está sendo introduzida é retardado pela repetição de cada fato antes de continuar a narração do texto.

Quando subi em cima de um pau, ele balançava comigo. Porque de cima do pau que balançava comigo, caí ao chão. Caí ao longo dele e fiquei deitado de costas.

Ava namania 'okasihi hora karoaroarimanani'ihī. Ava namania hora karoaroahi 'ova'aikabia'ihī. 'Oavoronifariribani'ihī 'oidarari'ihī

(Pau em-cima-de subi me balançava-com pau em-cima-de mim balançava-com caí-ao-chão. Caí-ao-longo-dele fiquei-deitado-de-costas).

Numa lenda sobre um homem e sua esposa que vão pescar, no momento em que se concretiza o propósito da viagem, ocorre uma seqüência de fatos estreitamente ligados entre si: o casal pega um peixe. O local de cozinhar o peixe, porém, torna-se o ambiente de uma ação da qual não se narra o desfecho.

Enquanto isso, eles foram na canoa. (Ao passo que) eles iam na canoa, arpoaram um tambaqui. (Depois que) arpoaram o tambaqui, procuraram um lugar para cozinhá-lo. Kaba 'i avakakha'aha. Avakakhaha vakosaka'aha ada 'i'oa. Vakosakaha ada 'i'oa vakasihokaibaviniha'aha.

(Enquanto-isso, foram-na-canoa. Iam-na-canoa, arpoaram o tambaqui. Arpoaram o tambaqui, procuraram-um-lugar-para-cozinhá-lo).

5. OUTROS USOS DE REPETIÇÃO.

Outros usos de repetição não incluídos no presente estudo são: resumos, previsões, ligações de parágrafos, relações genérico-específicas e a ação continuativa (v. Chapman, ms.).

Algumas paráfrases são genérico-específicas, ocorrendo primeiro a forma genérica. A parte específica permite uma reafirmação mais detalhada de algo já mencionado anteriormente, só que de maneira mais genérica. A forma genérica ocorre com sufixo de aspecto, mas a forma específica não tem tal sufixo.

A ação continuativa é indicada pela repetição exata de uma forma verbal sem aspecto. A duração da ação é também manifestada através de uma reduplicação do radical, dentro do próprio verbo.

NOTAS

1. Os Paumari são uma tribo seminômade que habita na área da bacia do rio Purus, no Estado do Amazonas. Por mais de cinquenta anos, os membros desta tribo têm tido contatos com a língua nacional. Por esta razão, são considerados razoavelmente bilíngües. Sua população atinge 250 pessoas. A língua paumari é classificada por Alfred Métraux como membro do tronco aruak. As pesquisas de campo, em que se baseia o presente estudo, foram realizadas de 1964 a 1976, sob os auspícios do Instituto Lingüístico de Verão, mediante convênios firmados entre este Instituto, o Museu Nacional do Rio de Janeiro e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). O presente trabalho foi elaborado durante um Seminário de Lingüística realizado em Porto Velho, Rondônia, em 1976. A autora agradece ao Dr. Joseph E. Grimes, do Instituto Lingüístico de Verão e da Universidade de Cornell (E.U.A.), a ajuda recebida no preparo deste estudo.

2. O sistema fonológico da língua paumari é descrito por Shirley Chapman e Mary Ann Odmark num manuscrito elaborado em 1964, e arquivado na FUNAI. A língua paumari possui as seguintes consoantes: /p, t, k, ʔ/; /b, d, g/; /th, kh/ (aspiradas); /b, ð/ (implosivas sonoras); /č, j/; /w, f, s, š, h/; /m, n/ e /ř, ř/ (retroflexo). As vogais são /i, a, o/. As consoantes alongadas ocorrem após as sílabas tônicas. As vogais alongadas ocorrem nas sílabas tônicas. O acento tônico normalmente cai na antepenúltima sílaba, ou na sílaba inicial das palavras dissílabas.

BIBLIOGRAFIA

- CHAPMAN, Shirley. Paumari Discourse. manuscrito. 1971.
- CROWELL, Thomas H. Cohesion in Bororo Discourse. Linguistics 1973, 104, 15-27.
- GRIMES, Joseph E. Outlines and Overlays. Language 1972, 48,3, 513-24.
- _____. The Thread of Discourse. The Hague, Mouton and Co., 1975.
- LEENHOUTS, Inge. Overlays in Loron Discourse. In: GRIMES, Joseph E., ed. Papers on Discourse. Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields, 1978.
- MÉTRAUX, Alfred. Tribes of the Jurua-Purus basin. In: Handbook of South American Indians, Vol. 3. 1948.
- SCHANK, Roger C. Understanding Paragraphs. manuscrito.